

ESPAÇOS PÚBLICOS: A PRODUÇÃO E O USO DA PRAÇA PÚBLICA NA CIDADE DE CÂNDIDO SALES – BA

ELIANE PEREIRA DE ALMEIDA VALE

Graduanda em Geografia pela UESB;
lialmeida_09@hotmail.com

Orientadora: Prof. MSc. Miriam Cléa Coelho Almeida

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo avaliar a produção e o uso dos espaços públicos, mais especificamente, da Praça Pública Moisés Félix dos Santos, na cidade de Cândido Sales – BA. Este espaço tem se apresentado como lugar de expressiva dinamicidade das relações entre os indivíduos, e esses com o meio, num processo de reciprocidade. Acredita-se que nas cidades pequenas onde as atividades industriais ainda são incipientes e, portanto, a economia é voltada para a agropecuária e comércio modesto, a produção do espaço urbano, a exemplo das praças públicas, é de forma significativa usufruídas sob valores e signos que convergem para a emersão da urbanidade nesses espaços, enquanto que o inverso acontece nas médias e grandes cidades. Assim, para a análise aqui pretendida, utiliza-se das contribuições de Carlos (2007), Gomes (2006), Lefèbvre (2008), entre outros que tratam da dinâmica da reprodução social na produção do espaço urbano, da cidade como obra de arte e lugar de encontro. Para a investigação da base empírica, além da revisão bibliográfica fez-se levantamento de informações em fonte primária com aplicação de questionário, entrevistas com moradores, registro fotográfico etc. A análise do conjunto dos dados permite compreender que a Praça em estudo, apesar das modificações ocorridas ao longo do tempo, ainda preserva características do uso que se aproximam da à idéia lefebveriana da cidade como espaço da festa, do encontro de pessoas para diversas atividades como bate papo, namoro, descanso, contemplação etc.

Palavras-Chave: Espaço Urbano. Espaços Públicos. Praças. Urbanidade.

Introdução

Norteados pela premissa de que a dinâmica do espaço urbano segue uma lógica diferenciada em relação espaço-tempo, considerando suas peculiaridades dimensionais, demográficas, econômicas, exercendo funções múltiplas na conjuntura global, é que o presente artigo abordará a funcionalidade e uso dos espaços públicos de Cândido Sales – BA, município que se enquadra nos conceitos de tamanho, função e espaço intra – urbano de uma cidade pequena, de atividades industriais incipientes, economia voltada para a agropecuária e comércio modesto.

Objetiva-se também o reconhecimento, em específico, das relações que se estabelecem em suas praças públicas, símbolo de lazer, entretenimento e reprodução da vida em sociedade, sem, em hipótese alguma, pretender analisar a vida urbana do município em pauta excluída do parâmetro das práticas capitalistas do modo de produção, e sua relação de trabalho. Mesmo porque, tal proeza é na contemporaneidade impossível. Porém, a abordagem tender-se-á em primazia aos aspectos de sociabilidade do/no *locus* - praça pública - concebido sob valores e signos que convergem para a prática e surgimento da urbanidade.

Para subsidiar as análises e construir uma visão panorâmica foram coletados depoimentos de moradores frequentadores da Praça Moisés Félix dos Santos e registro fotográfico.

1. Breve Histórico da Consolidação Espacial da Praça Moisés Félix dos Santos: O processo de produção

A Praça Moisés Félix dos Santos é um espaço público localizado numa área central da malha urbana do município de Cândido Sales – BA¹ como mostra a Figura 01, construída no ano de 1968 durante a administração do ex- prefeito Moisés Félix dos Santos². A sua centralidade proporciona a convergência da movimentação de pessoas e veículos para seu derredor, local onde se encontram as instituições financeira e administrativa (como o Banco do Brasil e a Prefeitura Municipal), alguns estabelecimentos comerciais como bares, lanchonetes, lojas, padaria, residências e igrejas. Um cenário tipicamente interiorano, aconchegante.

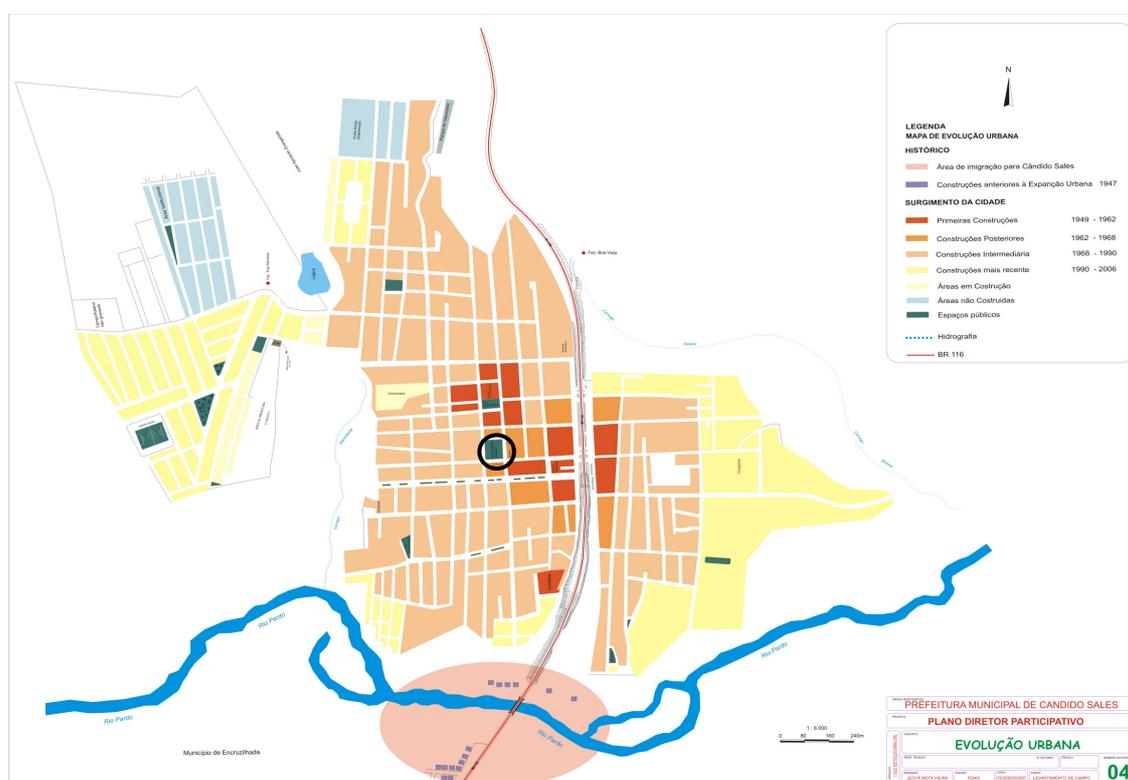


Figura 01: Malha Urbana do município de Cândido Sales
Fonte: MOTA, Jeová F. Acervo Pessoal: 2009.

¹Cidade localizada a sudeste da Bahia e sudoeste da capital Salvador. Tem sua malha urbana cortada pela BR-116, e possui uma população estimada de 26.727 hab., segundo o censo 2007, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Até a metade do século XIX seu território pertencia ao município de Vitória da Conquista, inicialmente nomeado como Porto de Santa Cruz, Barra do Furado, Quaraçú, e por último Cândido Sales. Em 1962 conquistou sua emancipação.

² Foi o terceiro prefeito eleito da cidade de Cândido Sales, o qual gestou o município entre os anos de 1967 a 1970.

Após a construção efetiva da praça em análise, nenhuma mudança estrutural de relevância foi feita, mas, mesmo com sua gradual degradação e ausência de conforto (bancos confortáveis, ambientação harmoniosa, iluminação e pisos adequados, ornamentos etc.) a população nunca deixou de frequentá-la como ilustra a Figura 02. Acredita-se que a atual reestruturação e ampliação da Praça Moisés Félix dos Santos reinaugurada no dia 05 de Julho de 2009, foi a maior e mais significativa reforma já registrada no município em toda a sua história. Na Figura 03 é possível observar as dimensões da reforma e as transformações ocorridas neste lugar. Questão que será analisada mais adiante.



Figura 02: Praça Moisés Félix dos Santos, na cidade de Cândido Sales - BA, 2008.
Fonte: VALE, Eliane P. A. Acervo Pessoal (2009)



Figura 03: Praça Moisés Félix dos Santos, na cidade de Cândido Sales - BA, pós- reforma em julho de 2009.
Fonte: VALE, Eliane P. A. Acervo Pessoal (2009)

É sabido que tais mudanças nos espaços públicos, bem como toda proposta de construção, remanejamento, modificações na urbe devem estar plenamente contempladas no Plano Diretor Urbano (PDU) do município, com exposições claras quanto ao seu objetivo, e se esse está de acordo com os interesses e necessidades da população. A execução efetiva de um plano diretor possibilita ao cidadão a oportunidade de protagonizar mediante decisões coletivas, a construção da cidade que almeja.

O Plano Diretor Urbano do referido município, ainda se encontra em tramitação na Câmara Municipal de Vereadores, porém, o processo de implantação do projeto de reestruturação da Praça Moisés Félix dos Santos pelo poder municipal, efetivou-se

conforme princípios que norteiam a execução do PDU. Quanto à participação efetiva da população na ratificação e conformidade com o projeto em questão, segundo o Secretário de Administração Adriano Rocha Carvalho, a consulta foi feita com a comunidade, sobretudo, com os moradores do entorno da praça municipal (jovens freqüentadores, moradores e comerciantes) para juntos decidirem se a proposta supriria suas necessidades e perspectivas.

Com a aprovação do projeto de reestruturação da praça pelos interessados e presentes, pode-se então concretizar a reorganização espacial do local. É importante registrar que com base nos relatos obtidos em campo, os argumentos utilizados pela Prefeitura e acatados na íntegra pelos moradores, foram: "a população merece um espaço mais organizado e confortável para a prática do seu lazer e entretenimento"; "é preciso construir uma melhor impressão da cidade para os visitantes"; "uma praça mais bonita intensifica a freqüência" e "é preciso garantir a participação da família na dinâmica do local".

Fica evidente a preocupação com a estética do espaço, seguindo uma tendência geral de transformação das cidades em vitrines para o consumo.

1.1 A configuração da cidade e de seus espaços públicos

Como já se sabe, os estudos relacionados à cidade - sua formação, desenvolvimento, materialização das relações sociais no espaço, dentre outros - em sua maioria, analisam o espaço público utilizado ora como um instrumento intervencionista do Estado, ora como espaço cooptado pelo capital para incitação ao consumo, e ora como segregadores sociais, e na maioria dos casos, todos esses em concomitância na sua produção. É perceptível a estruturação de toda essa complexidade em cidades como, por exemplo, São Paulo, Salvador, Feira de Santana e Vitória da Conquista, considerando sempre as particularidades da dinâmica sócio-espacial e econômica de cada uma delas. Porém, é correto afirmar que, nas cidades pequenas a internalização dos valores do capital e sua problemática, acontece numa velocidade diferenciada das médias e grandes cidades, e das metrópoles.

Na academia são comumente encontradas obras de fundamentação teórica pautadas na análise da produção do espaço urbano, numa visão panorâmica de

reprodução do capital, em que se tem o capital como condicionante na configuração do espaço, introduzindo, muitas vezes de forma tênue, uma outra lógica na dinâmica peculiar do lugar. Ou seja, o espaço urbano é entendido como palco de difusão de idéias, hábitos, valores, comportamentos, entre outros, sob a lógica da dinâmica do modo de produção capitalista, meramente economicista, que concebe a cidade como espaço do capital em que as contradições são produzidas e reproduzidas, como elucida Carlos (2007)

[...] a discussão do urbano transcende à idéia de cidade enquanto aglomerações de capitais, supera a discussão da cidade e/ou espaço do capital. Esse encaminhamento permite pensar o espaço também como produto de lutas, fruto de relações sociais contraditórias, criadas e aprofundadas pelo desenvolvimento do capital. Assim, no embate entre o que é bom para o capital e o que é bom para a sociedade hoje, o urbano se produz, a cidade se estrutura e a paisagem ganha sua configuração. (CARLOS, 2007, p.71)

O foco analítico sobre o surgimento e desenvolvimento do tecido urbano, bem como sua estruturação e dinâmica (socioeconômico e/ou cultural), se intensifica com o crescente processo de industrialização³, o qual teve influência preponderante na formatação das cidades brasileiras, e por seu intermédio se materializa de forma explícita ou implícita, o sistema dicotômico das relações de trabalho, organização espacial das residências, acessibilidade a espaços públicos, e o direito de usufruir dos espaços públicos livres (praças, ruas etc.). É, portanto perceptível que, conforme se intensificam as atividades industriais, numa obediência fidedigna a lógica do capital, a cidade vai se deparando com situações mais díspares e mazelas sociais mais acentuadas.

As bibliografias que abordam a cidade e seus conceitos, sua problemática atrelada a processos endógenos e exógenos, em um percentual relevante, tendem a teorizar por meio de análise dialética⁴ a realidade política, sócio-espacial e econômica das médias e grandes cidades, e das metrópoles. Por que das médias e grandes cidades? Justamente pela complexidade inerente ao seu crescimento em todas as esferas, inclusive demográfica. Mas o que define uma pequena, média, grande cidade, ou metrópole? Segundo Corrêa,

³ Processo atrofiado durante o século XVIII, no período colonial, devido ao protecionismo mercantilista da metrópole portuguesa. Foi intensificado nas décadas de 1940 e 1950 com o crescimento das populações urbanas, protagonizando na segunda metade dos anos 50 o papel principal da economia brasileira. Em: <http://www.brasilecola.com/historiab/industrializacao-brasileira.htm>

⁴ Poder-se distinguir análise dialética como uma forma mais elaborada, aprofundada e acima de tudo crítica do objeto estudado, uma “síntese dos opostos por meio da determinação recíproca”. O termo dialética foi utilizado por personalidades como Platão, Aristóteles e Hegel, porém seu significado se diferencia, dentro do que se propõem abordar cada um dos mencionados. Em: ABBAGNAMO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 4. ed. São Paulo. Martins Fontes, 2000.

[...] Tamanho demográfico significa, para um mesmo contexto regional de renda e padrão cultural, maior ou menor economia de escala, envolvendo a cidade e seu espaço de atuação, possibilitando maior ou menor desenvolvimento de funções urbanas ou atividades básicas, direcionadas essencialmente para fora da cidade, e de atividades não-básicas, voltadas essencialmente para o consumo da própria cidade. [...] (CORRÊA *apud* SPOSITO, 2007, p. 24)

No entanto, o mesmo autor também adverte:

O inverso também procede. O desenvolvimento de novas funções urbanas, criadas por grupos locais ou regionais ou por interesses extra-regionais, suscita o aumento demográfico e a multiplicação de novas atividades não-básicas ou das já existentes. A relação se mantém mas é possível que uma cidade, sob o impulso de novas funções passe de cidade pequena para cidade média ou desta para o status de cidade grande. (CORRÊA *apud* SPOSITO, 2007, p. 24)

Ou seja, mais efervescência de atividades comerciais, industriais, prestação de serviços, maiores os fluxos de pessoas, veículos e mercadorias, bem como uma (re) configuração dos espaços urbanos e de sua funcionalidade, construídos com a incumbência de atender a nova dinâmica e demanda da cidade, que, geralmente, em sua maioria, não ocorre em concomitância com os reais interesses da população. Nesse sentido, se implementam sob o espaço urbano, novos valores e signos que ao invés de torná-lo ambiente de urbanidade e reprodução da vida, transforma-o num lugar mercantilizado, fortalecendo a segregação social.

2 A Praça Pública concebida como o *locus do encontro, lazer e urbanidade: O uso*

[...] Todas as cidades dispõem de lugares públicos excepcionais que correspondem à imagem da cidade e de sua sociabilidade. Por meio desses lugares de encontro e comunicação, produz-se uma espécie de resumo físico de diversidade socioespacial daquela população (GOMES, 2006, p. 304).

A menção feita anteriormente sobre os processos que influenciam a modificação da dinâmica da/na urbe, bem como a funcionalidade de seus espaços públicos, permite – mos ler de forma diferenciada das cidades interioranas, onde esse movimento acontece numa nuance mais amena e tênue.

A sociabilidade dos indivíduos na Praça Moisés Félix dos Santos, na cidade de Cândido Sales – BA é um exemplo propício para a compreensão da idéia de urbanidade,

e da construção da vida social, as quais são praticadas sob uma lógica que difere da proferida pelo capitalismo em cidades de porte maior e mais complexo. Trata-se da lógica do valor de uso, termo utilizado por Lefèbvre⁵ (2007), que se refere a importância e significação do lugar para o indivíduo, com sua utilização direcionada para além das práticas mercadológicas (valor de troca), e onde a dinamicidade é regida pela complementaridade do ser humano pelo prazer, lazer, pelas relações individuais e coletivas, a diversão, o ócio e a sociabilidade.

Este comportamento de uso da praça pelos moradores significa para Lefèbvre, que:

A sociedade urbana, [...] privilegiando um espaço (sítio, lugar) e por ele privilegiados, altamente significantes e significados, tem uma lógica diferente da lógica da mercadoria. É um outro mundo. O urbano se baseia no valor de uso (LEFÈBVRE, 2008, p.87).

É sobre essa perspectiva de valor de uso que se consolida a vida social dos moradores de Cândido Sales em relação ao espaço público livre aqui analisado. Há explicitamente prazer latente e manifestado por seus moradores no usufruir desse lugar de livre acesso, assim denominado pelo cumprimento do direito de ir e vir, da acessibilidade independente da classe social, religião, cor, opção sexual do indivíduo. E de fato, não se percebe na dinamicidade da praça pública do município, a segregação sócio-econômica e racial. Essa civilidade no espaço público é elucidada de forma brilhante por Gomes (2006):

Fisicamente, o espaço público é antes de mais nada [...], qualquer tipo de espaço, onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa. [...], as regras do convívio e do debate devem ser absolutamente respeitadas. Essa acessibilidade é física, mas também diz respeito ao fato de que não deve estar condicionada à força de quaisquer outros critérios senão daqueles impostos pela lei que regula os comportamentos em áreas comuns. [...] Poderíamos dizer que o espaço público é o lugar das indiferenças, ou seja, onde as afinidades sociais, os jogos de prestígio, as diferenças, quaisquer que sejam, devem se submeter às regras da civilidade (GOMES, 2006, p. 162).

⁵ Importante filósofo Marxista e sociólogo francês, que contribuiu de forma eficaz e profunda nos estudos urbanos, com uma eloquente abordagem acerca da cooptação das cidades e seus espaços públicos para a reprodução dos interesses capitalistas. Além disso, Lefèbvre insere termos como *valor de uso* e *valor de troca*; a relação cidade-campo; a cidade vista como produto (consumo), dentre outros, na análise crítica da constituição do espaço urbano.

Não se trata de uma visão demagoga da realidade do local, mas sim uma observação feita para além da materialidade humana e estrutural (sem dissociar forma e conteúdo), as quais, juntas, exalam urbanidade. As opiniões dos freqüentadores desse espaço pós-reforma, que será elucidadas posteriormente nos gráficos, se assemelham quanto do prazer em estar na praça, de levar suas famílias para usufruir do local, tanto da sua beleza, quanto do seu aconchego, conforto, e oportunidade de encontros.

Mais uma vez é pertinente ressaltar: trata-se de uma cidade classificada, ainda, como de pequeno porte, em que as relações de trabalho e a produção e reprodução da vida, emanam de modo diferenciado das demais de médio e grande porte, tendo em vista, os processos que englobam espaço-tempo e culminação do capital.

Reportando à concepção de *valor de uso* mencionada anteriormente, é possível analisar as sutilezas das relações intrínsecas ao processo de reprodução da vida no espaço público (Pça. Moisés Félix dos Santos) por meio de gráficos ilustrativos, os quais confirmam as idéias defendidas acerca da existência significativa da urbanidade no meio estudado, oriunda das relações individuais e coletivas efetivadas no *locus*.

O processo de observação e análise *em/do loco*, comprova a importância da referida praça para a população de Cândido Sales. Os resultados obtidos nesta pesquisa evidenciam que a ação do Estado, neste caso representado pela Prefeitura Municipal e Câmara de Vereadores, conseguiu atender eficazmente as aspirações do povo, obtendo 100% de aprovação dos freqüentadores e moradores entrevistados. O que permite então dizer que, de fato houve uma eficácia no atendimento das necessidades de lazer dos cidadãos da cidade por parte do poder executivo e legislativo.

Sob uma lógica implícita, que muitas vezes não é percebida pelo próprio indivíduo, o espaço em questão também passa a ser concebido como um *locus* mais moderno, atual, com suas espetacularidades, uma estrutura de beleza comparada às de cidades médias, e isso é motivo de orgulho para os frequentadores. Por isso, não é manifestado nenhum tipo de sentimento saudosista aludido a praça pré-reforma.

Mas, é pertinente ressaltar que, mesmo implicitamente, essa ação de reciprocidade entre interesse administrativo com o interesse popular, tem o seu cunho de intencionalidade política, muito comumente e inerente às práticas do Estado. Ora,

não se haveria de investir tanto num espaço público, se este não trouxesse aos envolvidos (representantes do Estado) benefícios diretos ou indiretos.

Mas retomando a questão da urbanidade e a dinâmica sob a praça pública - o *locus* do lazer, do prazer, do individual e do coletivo, que se desenvolve num imensurável movimento de reprodução do cotidiano e da vida, dando sentido ao público, é que se ratifica a intencionalidade dos frequentadores desse local, notoriamente expressada no Gráfico 01



Gráfico 1 - Percentuais referentes a funcionalidade atribuída pelos moradores à Praça Moisés Félix dos Santos na cidade de Cândido Sales – BA.

Fonte: VALE, Eliane P. A. Trabalho de Campo, julho de 2009

Sob o espaço público prevalece o querer do indivíduo, sua intencionalidade, porém, atendendo as regras da civilidade. Para melhor aclarar essas referências funcionais do espaço público, aludamo-nos novamente a Gomes:

[...] De fato essa cena é uma espécie de discurso que se constrói por meio de certos gestos, pela maneira de se apresentar (em grupo, sozinho, com a família etc), pelas atividades desenvolvidas; pelas imagens criadas e lidas a partir de certos elementos, como roupas e acessórios; e pelos comportamentos, a maneira de falar e se conduzir em face da diversidade de circunstâncias oferecidas nesse espaço. Os itinerários, os percursos as paradas são igualmente significativos, demonstrando uma escolha, uma forma de particularizar e valorizar diferencialmente esse espaço. Em suma, essas manifestações são formas de ser nesse espaço. (GOMES, 2006, p. 164 - 165)

Ou seja, as manifestações e leituras sob o espaço podem estar relacionadas diretamente com as particularidades do modo de vida sócio-econômico e cultural dos indivíduos, as quais se exteriorizam por meio de seus comportamentos.

Um aspecto de relevância que não se pode negligenciar no contexto do processo de análise da Pça. Moisés Félix dos Santos é quanto a sua forma estrutural e

paisagística. Como já citado anteriormente, antes dessa reestruturação, o recinto oferecia pouco conforto, porém, nunca deixou de ser bem frequentado, mas a nova roupagem da praça intensifica o desenvolvimento das relações sociais e afetivas dos indivíduos no *locus*.

Quanto os referenciais de apreciações acerca do disponibilizado pela infraestrutura do *locus*, são explicitados no Gráfico 2.

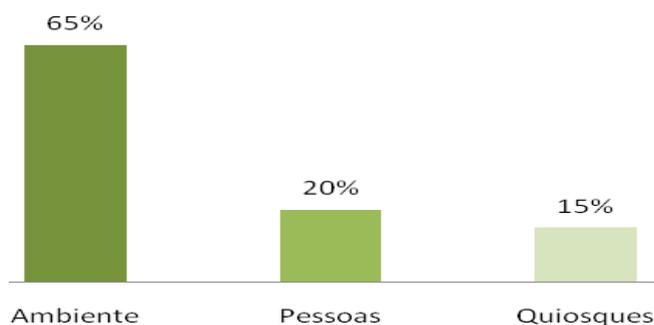


Gráfico 2 - Percentuais referentes as principais apreciações dos moradores de Cândido Sales – BA na Praça Moisés Félix dos Santos.

Fonte: VALE, Eliane P. A. Trabalho de Campo, julho de 2009.

O contato dos moradores(as) com uma ambientação que lhes produz a idéia de segurança, conforto, aconchego, e possibilidade de contemplação, culminam na convergência de sensações benéficas e de complementaridade, ora de forma coletiva, ora no âmbito da individualidade de cada um. Tal leitura pode ser efetivada por meio da análise do Gráfico 3.

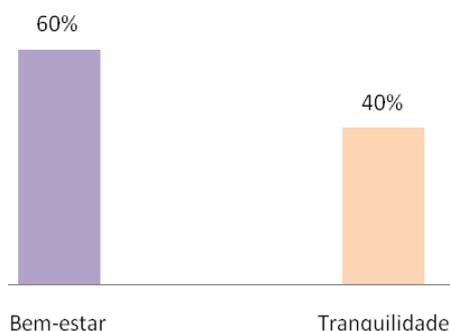


Gráfico 3 - Percentuais referentes as principais sensações expressadas pelos moradores de Cândido Sales – BA em contato com a Praça Moisés Félix dos Santos.

Fonte: VALE, Eliane P. A. Trabalho de Campo,

Sobre a funcionalidade da Praça Moisés Félix dos Santos, é pertinente fazer algumas ressalvas: esse espaço também é utilizado para a realização de manifestações cívicas, como as ocorridas comumente nos 07 de Setembro; na celebração de emancipação política (05 de Julho); em confraternizações de fim de ano promovidas pela gestão vigente, em que todos cidadãos são convidados a se reunirem em praça pública para festejar a virada do ano, num momento de exteriorização dos sentimentos fraternais que selam suas relações. Enfim a ela é atribuídas funções diversas tanto pelo poder municipal, quanto pela própria população.

Por último, destaca-se com base nas análises aqui expostas que a cidade de Cândido Sales, a exemplo da Praça Moisés Félix dos Santos, ainda produz e reproduz espaços de valor significativo, dando significado para a vida de sua população num processo inverso em reciprocidade.

Considerações Finais

Os espaços públicos de uma cidade, sob uma ótica de acessibilidade incondicional dos indivíduos, são cada vez mais objetos de análises, no intuito de atingir a compreensão do movimento dialético o qual está inserido. A cidade, principalmente as grandes e médias, e seus espaços públicos, é configurada sob os moldes de uma lógica capitalista, causando-lhe a perda gradativa do humanismo, da urbanidade.

A base empírica desse artigo nos permite perceber as várias estratégias e nuances da materialização do capital na malha urbana, objetivando a sua reprodução, consolidação e difusão. Nesse sentido, na cidade de Cândido Sales, esse processo ainda é visivelmente menos agressivo, o exemplo aqui analisado da Praça Moisés Félix dos Santos, revela uma nuance mais suavizada, permitindo-lhe, ainda, vivacidade e aconchego de seus espaços de livre acesso, oriundos de uma relação indivíduo e meio sob uma ótica de necessidade de lazer, cultura, ócio, dentre outros, e não exclusivamente mercadológico. Não se trata aqui de negar a presença da reprodução do capital neste lugar (afinal ele se processa em outros planos, no vendedor de pipocas, nos bares e restaurantes instalados, no vendedor de cachorro quente, entre outros), mas de mostrar as variações da inserção do capital nos lugares.

Mas cabe ressaltar que as análises feitas sobre a produção e o uso desse espaço público do município, não são estáticas, mesmo porque a cidade também não é. Toda essa relação que os moradores têm com suas praças em geral, pode vir a mudar conforme forem implementadas políticas direcionadas para um fortalecimento do setor industrial, que atualmente é incipiente na cidade, e fazer desses *locus* do lazer, diversão, aconchego, tranquilidade, da festa, do ócio, da paquera, tão apreciado pelos cidadãos dessa cidade, uma mercadoria sob os moldes da lógica capitalista, atribuindo-lhe *valor de troca*. Afinal, nada impede que se realize plenamente as estratégias do capital.

Eis uma questão sutil e de extrema relevância reflexiva. Nessa inversão possível de *valor de uso* para *valor de troca* na pequena cidade, no seu particular movimento espaço-tempo, há várias possibilidades de configuração e funcionalidade da praça pública. Uma possibilidade é a praça vista como um espaço público privado onde se incita o consumo, e este por mecanismos capitalistas torna-se inacessível a todas as

classes, privilegiando uma em detrimento de outra, promovendo segregação sócio-espacial: lugar de “pobres” e lugar de “ricos”. Uma outra seria o surgimento de pequenos subcentros urbanos no intuito de “suprirem” as necessidades de uma classe que almeja usufruir uma outra esfera de lazer, e nesse contexto, a praça pública torna-se o lócus da classe marginalizada, e em termos espaciais e sociais agravam-se as disparidades e as hostilidades entre as classes. Ou seja, de qualquer forma a tentativa é separar indivíduos, e não sociabilizá-los num processo de igual acessibilidade do que é qualitativo e prazeroso.

No entanto, do ponto de vista de cidades de pequeno porte o município de Cândido Sales, ainda mantém características interioranas na reprodução do cotidiano em seus espaços públicos, sob a ótica de valor de uso, da urbanidade, da sociabilidade, produção e reprodução das relações entre os indivíduos. O fato do poder público municipal ter reestruturado o ambiente, essa por sua vez, não alterou a intimidade da população para com a praça, porém contribuiu para que parte da população adulta e suas famílias fossem contempladas e inseridas com mais intensidade nessa dinâmica em/no lugar.

Portanto, a iniciativa da Prefeitura Municipal de Cândido Sales, tendo em vista o grau de aceitabilidade e satisfação de seus cidadãos, foi pertinente ao lançar a proposta de melhoramento da praça pública, oferecendo a seus frequentadores o conforto necessário e merecido para a reprodução social da vida no espaço público. Mas, cabe ressaltar que a urbanidade comentada e ratificada no decorrer de todo esse trabalho, estará sempre no foco do capital, numa implacável tentativa de cooptação completa, e no foco do Estado como instrumento de fortalecimento político.

Referências Bibliográficas

ABBAGNAMO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo. Martins Fontes, 2000

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 8. ed. São Paulo - SP: Contexto, 2007. 98 p. (repensando a Geografia)

CORRÊA. Roberto Lobato A. **Construindo o conceito de cidade média**. *In:* SPOSITO. Maria Encarnação Beltrão. **Cidades médias: espaços em transição**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 632

LEFÈBVRE. Henri. **O Direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Contagem da População 2007.

GOMES. Paulo Cesar da Costa. **A condição Urbana: ensaios de geopolítica nas cidades**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 304p.

TANAJURA. Mozart. **História de Conquista: Crônica de uma cidade**. Vitória da Conquista – BA. 1992